

## A VIOLÊNCIA NO MEIO URBANO: UM ESTUDO COM ENFOQUE SOCIAL

Filippo Elia Pezzini<sup>1</sup>  
Guilherme Tochetto<sup>2</sup>  
Fabiana Zanandrea<sup>3</sup>

### Resumo

Compreender os fatores sociais que influem no comportamento violento é uma tarefa árdua, como um trabalho de arqueólogo, foi preciso dialogar com diferentes vertentes teóricas teorias, a fim de extrair a conexão com o tema. O artigo trata do estudo das causas da agressividade, por meio da revisão bibliográfica, tendo como questão norteadora, a violência. A multidisciplinaridade se fez presente e ademais imprescindível no êxito da pesquisa. Contribuições da filosofia, sociologia, psicologia e psicanálise foram fundamentais, tal como o levantamento de temas como o crime, desvio, narcisismo, política e sociedade. A repressão, o declínio da lei paterna, para a psicanálise, a desigualdade social e o individualismo, para a sociologia, em resumo, são questões causais que acabam resultando na prática da violência.

### Palavras-chave:

Violência. Sociologia. Crime.

## 1 INTRODUÇÃO

A crescente demanda de uma luz sobre o tema da violência, e a inquietude perante a nossa impotência ao crime, nos fizeram buscar na literatura respostas para esse desalento. Propomos com o seguinte artigo explorar as causas que impulsionam a conduta violenta, com enfoque no estudo social. De que forma essa multicausalidade social, no meio urbano, influencia o comportamento agressivo? Buscamos respaldo em mais de uma vertente do saber, bebendo de análises da filosofia, sociologia, psicologia e psicanálise, de diferentes épocas e contextos, pois acreditamos que não há como entender o presente ignorando o constructo histórico.

## 2 REFERENCIAL TEÓRICO

Há muito a violência alastrou-se de forma incontrolável. Nos jornais, na televisão, na internet e nas conversas do dia a dia, os casos de agressão são protagonistas. Convivemos apostando na sorte, em meio às balas perdidas e aos inúmeros crimes que nos amedrontam. A sociedade vive uma globalização do medo e, em contrapartida, a banalização do mal, esta ultima podendo estar associada a uma negação. Até que ponto essa frieza adaptativa faz jus ao

---

<sup>1</sup> Acadêmico do Curso de Psicologia

<sup>2</sup> Acadêmico do Curso de Psicologia

<sup>3</sup> Mestre

que sentimos? Ou de tão apavorados, negamos a guerra não declarada e cultuamos a violência de forma velada, como meio de elaboração?

O que leva um sujeito, que não sofre de algum transtorno, cometer um ato violento? De onde vem esse comportamento agressivo, que transgride e ignora qualquer moralidade? As respostas a estas questões vão além das possibilidades deste artigo, no entanto são reflexo da inquietação social no que diz respeito à violência. No dizer de Bauman (2008, p.259), ‘‘Sim, é característica da violência obrigar as pessoas a fazerem coisas que de outra maneira não fariam e que não têm vontade de fazer; sim, violência significa aterrorizar as pessoas para fazê-las atuar contra a vontade delas e assim privá-las de seu direito de escolha.’’

Mas de onde vem essa violência que nos comprime? A violência é um tema multifatorial e de uma complexidade ímpar. Bauman (2008) é perspicaz quando traz a ideia de que a ação na verdade vem de uma resposta. Há uma coerção sobre nós, conviver com a ameaça de ser disseminado, assaltado, estuprado, não traz consequências agradáveis. Essa constante aflição nos induz a manter um estado de alerta, a ansiedade ocupa um lugar indissociável do viver ou do ‘‘flanar’’ na contemporaneidade. E quando se fala em sobrevivência, sabemos que é da nossa natureza responder de forma instintual e irracional, dessa forma se exclui qualquer possibilidade de escolha.

Segundo Bauman (2008), o objetivo do Estado é legitimar a coerção, para que ela se torne invisível e se mostre apenas na explosão do acúmulo, se manifestando em violência. Concordamos em abrir mão do livre exercício de nossa segurança, para que o Estado exerça essa função de assegurar nosso bem estar. ‘‘A passagem do estado de natureza para o estado civil determina no homem uma mudança muito notável, substituindo na sua conduta o instinto pela justiça e dando às suas ações a moralidade que antes lhe faltava.’’ (ROSSEAU, p.42).

Rousseau (1973), em sua obra ‘‘Do contrato social’’, segue seu pensamento frisando que o homem perde a liberdade e o direito ilimitado em troca da liberdade civil e a propriedade do que possui. Levando em conta que fomos jogados em um continente inóspito e hostil, esse contrato não se faz justo, pois o Estado, muitas vezes, negligencia nossos direitos, mas em contrapartida pune sem escrúpulos quando não cumprimos com os deveres, sejam tributários, civis ou penais. Um paradoxo abismal surge quando pensamos nessa violência coerciva, que não se restringe ao físico, pois provoca danos diariamente na nossa psique. Segundo Hobbes (2006), sempre que o Estado não dá segurança aos cidadãos, estes se encontram desligados de qualquer obrigação para com a autoridade. Nesse caso, presenciamos

---

a dissolução do poder da lei, regressando ao estado de natureza, onde o homem é o “lobo do homem”, no sentido concreto da expressão.

## 2.1 CONCEITUAÇÃO E SUBTIPOS DA VIOLÊNCIA

A violência é um tema cada vez mais debatido no nosso cotidiano, mas cabe lembrar que ela não é necessariamente física, envolvendo também questões psicológicas e abuso de poder. De acordo com a constituição Federal (1988) “é dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança e ao adolescente, com absoluta prioridade, o direito a vida, a saúde, (...), além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão”. A Organização Mundial da Saúde classifica violência pelo uso da força física ou poder, em ameaças ou na prática, contra si próprio, outra pessoa ou contra um grupo ou comunidade que resulte ou possa resultar em sofrimento, morte, dano psicológico, desenvolvimento prejudicado ou privação. Nesta classificação excluem-se acidentes de trânsito e danos acidentais, como balas perdidas, mas mesmo assim cobre uma boa parte do que pode ser visto como violências, distanciando cada vez mais do clássico conceito de que para haver violência, tem que existir marcas, pois existem marcas mais profundas do que aquelas que ficam na pele, trazendo um grande peso para a vida daquele que sofreu.

Há violência quando, em uma situação de interação, um ou vários atores agem de maneira direta ou indireta, maciça ou esparsa, causando danos a uma ou a mais pessoas em graus variáveis, seja em sua integridade física, seja em sua integridade moral, em suas posses, ou em suas participações simbólicas e culturais (MICHAUD, 1989 apud WAISELFSZ, 2012, p. 8).

Devido a grande amplitude, a violência é dividida em categorias para melhor compreensão de seus fatores:

Violência Física é caracterizada como todo ato violento com uso da força física de forma intencional, que pode ferir, lesar, provocar dor e sofrimento ou destruir a pessoa, deixando ou não marcas evidentes no corpo, e podendo provocar inclusive a morte. Pode ser praticada por meio de tapas, beliscões, chutes e arremessos de objetos, o que causa lesões, traumas, queimaduras e mutilações. Apesar de subnotificada, é a mais identificada nos serviços de saúde (BRASIL, 2010, p.30).

Violência Psicológica é toda ação que coloca em risco ou causa danos à autoestima, à identidade ou ao desenvolvimento de uma ou mais crianças ou adolescentes.

Manifesta-se em forma de rejeição, depreciação, discriminação, desrespeito, cobrança exagerada, punições humilhantes e utilização da criança ou do adolescente para atender às necessidades psíquicas de outrem (BRASIL, 2010, p.31).

Violência sexual é todo ato ou jogo sexual com intenção de estimular sexualmente, visando utilizá-lo para obter satisfação sexual, em que os autores da violência estão em uma relação de poder. Pode ocorrer em uma variedade de situações como: estupro, incesto, assédio sexual, exploração sexual, pornografia, pedofilia, manipulação de genitália, mamas e ânus, até o ato sexual com penetração, imposição de intimidades, exibicionismo, jogos sexuais e práticas eróticas não consentidas e impostas e ‘voyeurismo’ (obtenção de prazer sexual por meio da observação). É predominantemente doméstica, especialmente na infância. Os principais perpetradores são os companheiros das mães e, em seguida os pais biológicos, avôs, tios, padrinhos, bem como mães, avós, tias e outros que mantêm com a criança uma relação de dependência, afeto ou confiança, num contexto de relações incestuosas (BRASIL, 2010, p. 33).

Violência Financeira é caracterizada como uso de bens materiais sem o consentimento da outra pessoa, geralmente acompanhado de outras formas de violência para conseguir perpetuar o poder sobre aquela pessoa. Este tipo de violência pode ser visualizada na população idosa, seus “cuidadores” acabam utilizando o dinheiro dos aposentados para seus próprios interesses. Além da violência financeira, existe a negligência, podendo este ser claramente vista nas populações mais jovens, onde os provedores de cuidados se recusam a dar o mínimo de atenção às crianças, adolescentes e os idosos. Pode ser considerada negligência desde esquecimentos frequentes ao total abandono.

A violência é exercida, sobretudo, enquanto processo social, portanto, não é objeto específico da área da saúde. Mas, além de atender às vítimas da violência social, a área tem a função de elaborar estratégias de prevenção, de modo a promover a saúde. Logo, a violência não é objeto restrito e específico da área da saúde, mas está intrinsecamente ligado a ela, na medida em que este setor participa do conjunto das questões e relações da sociedade (Minayo 1998, pg. 520).

Como cita Minayo, a violência não é assunto específico da área da saúde, entretanto se espera que o profissional atue além do atendimento às vítimas, criando estratégias para a sua diminuição. Ademais, abordaremos os fatores sociais que vêm catalisando esse processo destrutivo e muitas vezes, perverso, da ordem do sadismo.

## **2.2 TERRA DE NINGUÉM**

---

“Terra de ninguém”. Essa expressão pode mensurar o que sentimos no ambiente urbano: medo e insegurança acerca de tudo. Muros, câmeras, cercas, cachorros, alarmes e seguranças. Inúmeros dispositivos instalados para atender o grito de socorro, a vulnerabilidade em demasia que contamina a todos diariamente. Nos encontramos como uma criança que, por mais que nunca tenha visto um monstro, morre de medo dele. A arquitetura das cidades reflete esse pavor, os condomínios fechados e os bairros nobres expõem claramente nossa vulnerabilidade. “Tudo isso intensifica o isolamento, o individualismo; elimina a tolerância com as diferenças. Intensifica a privatização da vida e dificulta a construção da cidadania.”(SOUZA, 2005, p.13).

Quando a Souza remete a “tudo isso”, refere-se a essa blindagem contra o perigo, o enclausuramento do indivíduo acuado e vulnerável. Tudo que é diferente passa a ser estranho e posteriormente fóbico, impedindo essa socialização e o sentimento de pertencer ao coletivo, fato indispensável na manutenção das questões sociais. “O que há de específico nesse momento histórico, visto que a violência se tornou, no século anterior e neste que se inicia, matéria de grande consideração e difusão? Será a violência uma manifestação própria e inelutável dos humanos? Inevitável em certas condições sociais?” (SOUZA, 2005, p.16).

De um viés que defende que a violência é consequente de uma coerção e que surge como resposta automática e irrefreável, adentrar-se-á à teoria psicanalítica freudiana, que pressupõe que essa pulsão violenta é indissociável à natureza humana. “Se a civilização impõe sacrifícios tão grandes, não apenas à sexualidade dos homens, mas também à sua agressividade, podemos compreender melhor porque lhe é difícil ser feliz nessa civilização” (FREUD, 1996, p.119).

Estes sacrifícios nada mais são do que as repressões impostas culturalmente. Seja pela figura do pai, pela moral religiosa, e também às punições no campo jurídico. O preceito cristão de “amar o próximo como a si mesmo” age no imaginário, na bagagem evolutiva ocidental, a fim de regulamentar o comportamento humano. Mesmo com todas essas imposições morais que tentam castrar o instinto, o século XX foi marcado como o recordista de maior número de homens mortos por decisão humana, em toda a história (HOBSBAWN apud SOUZA, 2005).

Freud (1996) fundamenta o conceito de totem, contextualizando o mito do assassinato do pai da horda primitiva. A interdição do incesto é inaugurada na cultura, também como a proibição do canibalismo e do prazer de matar. A história conta que os irmãos se uniram para matar o pai, que representava a lei real, depois do parricídio os filhos lutam entre si para

ocupar o lugar desse pai. Mas em conta da preservação familiar estabeleceram a interdição do fratricídio. O laço afetivo se reinstalou e a culpa pela morte do pai faz com que eles o transformem em totem. Este pai adquire uma lei muito maior do que em vida, gerando uma lei simbólica que rege a coletividade. Mas o ódio passa a ser da ordem inconsciente, lutando contra o superego que castiga esse instinto violento, pois representa um tabu. ‘Teríamos de supor que o impulso a matar acha-se realmente presente no inconsciente e quem nem os tabus e nem as proibições morais são psicologicamente supérfluos, mas, pelo contrário, explicam-se e justificam-se pela existência de uma atitude ambivalente para com o impulso de matar.’ (FREUD, 1996, p.82).

Nossa renegação ao impulso de morte é um dos fatores do mal-estar, o homem primitivo se via mais realizado podendo expressar seu instinto, sem restrição e punição. Essa ambivalência em relação ao impulso, levantada por Freud, provém da luta interna travada pelo superego e o *id*, mediada pelo ego. Por isso não podemos nos ater a casos específicos, de violência praticada por um sujeito com transtorno mental, pois este está com o aparelho psíquico desregulado e o seu instinto prepondera sob a lei interna ou externa.

Freud (1974), em o Mal-estar na civilização, nos lança uma solução para a problemática da violência. O deslocamento da libido para fins intelectuais e psíquicos, de forma a elaborar as frustrações do mundo externo, com um destino sadio e aceito socialmente. Freud nomeou de sublimação, termo vindo da química, no processo de passagem de um estado sólido para gasoso. Uma metáfora para a metamorfose dessa libido, que de sexual desloca-se para um fim intelectual ou espiritual. Este método refinado e evoluído não está disponível para todos, tem funcionalidade nos artistas, estudiosos, filósofos e afins. A obra concluída e o próprio processo de criação são fontes de gozo. Essa energia é canalizada nas atividades que requerem disponibilidade psíquica e intelectual. Traçando uma analogia com os países de baixo investimento educacional e cultural, poderíamos supor que apenas uma minoria estaria sublimando essa pulsão, pois o incentivo à cultura e à educação é que alimenta esse trabalho de conversão. E as taxas de violência são maiores nesse caso?

### **2.3 A CULTURA DO VENCEDOR**

A desigualdade, proveniente de um sistema injusto, é a engrenagem que alavanca uma série de sintomas biopsicossociais. A pirâmide, que simboliza a hierarquia do regime capitalista, se alimenta dos mais fracos e desfavorecidos economicamente, essa realidade

---

perpetua a pobreza e acentua os problemas sociais. A rejeição das diferenças, fruto do individualismo, acaba por humilhar o indivíduo que não se insere no contexto de valor. Este se sente um fracasso perante a ostentação do luxo e da fama disseminada pela mídia e pela indústria fonográfica, e até mesmo pelo vizinho, colega ou chefe, que se encontra numa situação melhor. Este ideal é implantado desde que fomos banhados pela cultura, o sucesso é visto como um modelo a ser alcançado, ninguém quer ficar para trás.

Esse espírito insano de competição deixa para trás os “menos velozes”, que no caso representam os desajustados sociais. “Agora, aqui, veja, é preciso correr o máximo que você puder para permanecer no mesmo lugar. Se quiser ir a algum outro lugar, deve correr pelo menos duas vezes mais depressa do que isso.” (CARROLL, apud BAUMAN, 2001, p.64)

Com a tendência em pensar apenas em si, o ser humano vive uma era de relações frágeis, com o culto hedonista e uma efemeridade na cultura, características sintomáticas da era pós-moderna, contextualizada por Bauman (2001). Não há mais tempo para luto, depressão, melancolia e crise existencial, quem expõe essas fraquezas corre o risco de ser visto como fraco, vulnerável e inválido no mercado. A pressão que se exerce para atingir tal patamar de sucesso acaba por adoecer este sujeito, privando-o de sua subjetivação. Segundo Souza (2005, p.55),

O sofrimento, que é próprio do existir humano, torna-se uma ameaça, um sinal de vulnerabilidade, de fracasso. Fracasso que se acentua pela impossibilidade de responder às demandas sociais de sucesso, de “realização plena” e pela percepção do “sucesso” dos outros. Rivalidade, inveja, ressentimento, medo e ódio marcam o estado da alma do homem contemporâneo.”

Essas emoções negativas em demasia podem desencadear impulsos violentos, atitudes desviantes e até criminosas. O coletivo se encontra marcado pela xenofobia, abrangendo essa repulsa a tudo que é diferente de si, despreza-se a heterogeneidade. Nenhum ideal derramou tanto sangue como a religião, os povos considerados “eleitos” e escolhidos para salvação divina, deturpam a máxima bíblica do novo testamento: *Não matarás*, em nome de um discurso nobre travestido e uma má interpretação dos livros sagrados. A ideologia nazista, o fascismo, o racismo, a xenofobia, a homofobia e o etnocentrismo, são alguns exemplos de intolerância às diferenças. Na visão de Souza (2005, p.56), “Grupos que suportem a diferença, a multiplicidade de traços, que não percam a referência com um coletivo mais amplo, que não se paralitem na homogeneidade narcísica, têm mais possibilidades de se desviar da violência.”

Que missão nobre e árdua remar contra a maré do narcisismo, em que o único reflexo do mundo provém do espelho das águas. Ensimesmado, embevecido na sua imagem, Narciso

não ouve, nem responde a quem lhe indaga. Carrega uma dor que não compartilha, pois não se relaciona e nem percebe o outro, mergulha na sua própria solidão e se afoga na ausência do existir. Por si só é uma extensão vazia.

## **2.4 DIÁLOGOS SOCIOLÓGICOS**

Falar em violência pressupõe a transgressão de uma lei instaurada em mais de uma dimensão: no campo jurídico, na lei simbólica sociocultural e na própria moral do sujeito. Quando se fala em crime, propriamente dito, falamos na violação de uma lei sancionada formal. Ela pode ser de ordem diversa, desde o uso de substâncias ilícitas à depredação do patrimônio público. Já o desvio é conceituado por Giddens (2005) como uma atitude que fere o conjunto de normas aceitas por um número significativo de pessoas. Ele descreve o desvio como inexorável a toda sociedade ou comunidade, embora seu conceito seja mais amplo que o de ‘crime’, pois se insere numa discussão ética, e nem sempre infringe a sanção formal. O comportamento desviante não é visto como patológico e periculoso, pois a maioria de nós já cometeu um desvio em algum momento da vida. Seja para roubar um pão e dar a um pobre, dirigir alcoolizado, se envolver em uma briga e até mesmo em situações banais, como passar trote e exceder o limite de velocidade. Mas nosso foco é a violência em si, e ademais, adentraremos a disciplinas que se debruçam na explicação multicausal da ação violenta. A criminologia é um campo de estudo multidisciplinar deveras crucial no estudo da violência, apesar de reduzir sua óptica ao que tange o comportamento criminal. “A criminologia interessa-se pelas formas de comportamento sancionadas pela lei criminal. Os criminologistas normalmente interessam-se por técnicas de mensuração do crime, tendências em índices de criminalidade e políticas que visem à redução do crime dentro das comunidades.” (GIDDENS, 2005, p.173).

Além da criminologia, temos a sociologia do desvio e a psicanálise para nos auxiliar nesse tema tão abrangente. As primeiras tentativas de explicar o crime foram baseadas na biologia e analisava as características inatas dos criminosos, como o formato do crânio, do maxilar, entre outros parâmetros. Lombroso (apud GIDDENS, 2005) acreditava que eles apresentavam traços de tempos primevos da evolução humana. “Por seu desenvolvimento como seres humanos não ter sido completo, apresentavam uma tendência a agir em desarmonia com a sociedade humana.” (apud GIDDENS, 2005, p.174).

Houve uma evolução no pensamento quando o positivismo perdeu forças e se distanciou do indivíduo na explicação dos crimes, e passou a relevar o contexto social e cultural. Dentro das teorias sociológicas sobre o crime, há uma vertente chamada funcionalista. Os autores desta teoria propõem que os comportamentos desviantes e criminosos são frutos da falta de regulação social e estrutural, ou seja, as recompensas ofertadas não coincidem com as aspirações dos cidadãos, o que motiva a rebeldia. Durkheim (apud GIDDENS, 2005) traz o conceito de anomia, que prega que as normas e os padrões não são substituídos, o que ocorre é um enfraquecimento, tornando as regras, que guiam o comportamento, confusas. O conceito de Durkheim influenciou o sociólogo Robert K. Merton a elaborar uma teoria sobre o crime. Merton acreditava que as normas sociais não valiam para todos, já que a realidade social oferece oportunidades desiguais. Consequentemente a receita do sucesso não poderia ser aplicada aos desfavorecidos. Segundo Giddens (2005, p.177),

Além disso, aqueles que não obtêm “sucesso” descobrem-se condenados por sua aparente inabilidade de conseguirem um progresso material. Nessa situação, há uma enorme pressão no sentido de tentar prosperar de qualquer maneira, seja ela legítima ou ilegítima. Logo, segundo Merton, o desvio é um subproduto das desigualdades econômicas e da falta de oportunidades iguais.

Os teóricos interacionistas creem que o desvio é aprendido pela interação com os outros. Em contraponto, a teoria da rotulação acredita que não há um abismo entre normal e desviante, o que ocorre é uma rotulação das hierarquias superiores, do estado, da comunidade, do bairro, e até da família, aos desviantes. Uma vez que um indivíduo recebe um rótulo, ele vai ser estigmatizado pelo ambiente e pode alterar sua individualidade. A polêmica dessa teoria é a crença de que nenhum ato é explicitamente criminal, pois o certo e o errado foram estabelecidos por homens de poder, então tudo é passível de análise, nada é concreto, e sim subjetivo.

O foco da pesquisa se faz no campo social, não obstante é imprescindível relevar a subjetividade desse indivíduo inserido na sociedade. O mal-estar pode ser internalizado de forma distinta, de acordo com a força desse ego, que trava uma batalha com o externo. É pertinente acrescentar a questão da pulsão de vida e morte, respectivamente Eros e Tânatos. Uma força age em sentido contrário a outra, sendo que o sadismo escapa dessa pulsão não simbolizada. Birman (2009, p.50) traz que: “Centradas no registro do corpo, da ação e das intensidades, as formas de mal-estar que dominam o cenário da contemporaneidade indicam não apenas o alto nível de descarga pulsional presente, mas também o baixo nível de simbolização em pauta no psiquismo”

Sob a crescente demanda do trato das doenças psicossomáticas, abre-se espaço para uma reflexão paradoxal: Se o mundo me compele a acelerar, deixo de lado minha saúde psicofísica para suprir essa demanda insana? Os métodos paliativos vão servindo de tamponamento, seja através da droga, da comida ou do sexo. Vivendo a beira do limite e da ruptura psíquica, o ser humano vive a contemporaneidade entregue à compulsão. Birman (2009) assinala que esse excesso pulsional não encontra evasão satisfatória. Sendo a linguagem fundante do psiquismo, e primordial na manutenção do ego, o indivíduo que não tem espaço para falar sobre sua angústia, se vê resignado aos meios irracionais de sobrevivência, regredindo da fala ao ato, como postula Birman (2009. p.91), “Assim, no *acting-out* algo que não poderia ser bem enunciado e inscrito, para poder ser rememorado, seria colocado em ato.”

### **3 METODOLOGIA**

O referente artigo visou levantar material bibliográfico pertinente ao tema, correlacionando os autores em um diálogo teórico e procurando não apenas repetir, mas apontando reflexões. Para Vieira e Hossne (2001, p.135), a revisão bibliográfica deve se efetivar evidenciando “a evolução de conhecimentos sobre o tema, apontando falhas e acertos, fazendo críticas e elogios e resumindo o que é, realmente, de interesse”. O objeto de estudo é o comportamento humano diante dos fatores externos, utilizando a revisão da literatura científica sobre o tema associado à violência. Para Cerso, Bervian e Da Silva (2007), no que se refere à consulta do material, é necessário conhecer a organização dos livros na biblioteca, podendo reconhecer o que é de valia para o artigo. Além de documentos impressos, foram utilizados artigos em formato digital, acessados pela internet e referenciados conforme as normas. No primeiro momento, foi efetuada a leitura crítica e seletiva dos livros, concomitante às anotações para uso posterior. Após essa fase, se iniciou a construção da fundamentação.

### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Com este estudo foi possível colher uma multiplicidade de saberes acerca da violência, com o foco em tentar compreender a relação de causalidade e consequência. Traçando um recorte temporal, concentramos a ótica na contemporaneidade, mas tendo contribuições de

autores de diferentes épocas. Dentre os inúmeros, e complexos, fatores que influem na violência, atribui-se maior valor às concordâncias entre os teóricos, por exemplo, na sociologia, a falta de recursos básicos para a construção da democracia e cidadania, tal como o crescente culto ao individualismo e o enfraquecimento da lei paterna e do próprio estado. Já a psicanálise segue o caminho do mal-estar na civilização, crendo que o impulso à agressão é inerente ao ser humano e quanto mais se reprime, e não permite simbolização dessa pulsão, mais a passagem ao ato tornar-se-á possível. A desigualdade, proveniente do sistema, aprisiona o sujeito, de modo que seu subterfúgio passa a ser crime, entretanto as causas são complexas e é preciso cuidado ao diagnosticar de maneira generalista. A globalização do medo infectou a todos de maneira ansiogênica, os condomínios se transformaram em cárceres luxuosos, acentuando a solidão. Como compartilhar esse desalento se as relações estão cada vez mais frias e fugazes? Parece que estamos passando por uma transição de era, e além da adaptação, nosso papel existencial e social é dialogar sobre possíveis caminhos, refletindo se estamos na trilha certa. Tudo indica que não.

## 5 REFERÊNCIAS

- BAUMAN, Zygmunt. **A sociedade individualizada: vidas contadas e histórias vividas**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.
- BIRMAN, Joel. **Cadernos sobre o mal: agressividade, violência e crueldade**. Rio de Janeiro: Record, 2009.
- BRASIL. **Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde**. Brasília: Ministério da Saúde, 2010.
- CERVO, Amado, Luiz; **Metodologia científica** / Amado Luiz Cervo, Pedro Alcino Berviana, Roberto da Silva. – 9. Ed. – São Paulo: Person Prentice Hall, 2007.
- FREUD, S. **O mal-estar na civilização (1929-1930)**. In:\_\_\_\_\_. Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1974. v. XI. Edição Standard Brasileira.
- FREUD, S. (1913). **Totem e Tabu**. In: FREUD, S. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. v. 13. Rio de Janeiro: Imago, 1990.
- GIDDENS, Anthony. **Sociologia**. 4 ed. Porto Alegre: Artmed, 2005.
- HOBBS, Thomas. **Leviatã**. Ed. Martin Claret, São Paulo, 2006.
- HOSSNE, Willian Saad. **Metodologia Científica para a área da saúde** 1 Sonia Vieira, Willian Saad Hossne, - 11. Ed. – Rio de Janeiro; Campus 2001.
-

MINAYO, M. C. de S. e SOUZA, E. R. de: '**Violência e saúde como um campo interdisciplinar e de ação coletiva**'. História, Ciências, Saúde— Manguinhos, IV(3): 513-531;1998.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **O contrato social**. Coleção Os pensadores, vol. XXIV. Tradução Lourdes Santos Machado. São Paulo: Abril Cultural, 1973.

SOUZA, Maria Laurinda Ribeiro de. **Violência**. 1ª ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2005.

WAISELFISZ, Julio Jacobo. **Mapa da Violência 2012: crianças e adolescentes do Brasil**. Rio de Janeiro, 2012. Disponível em: <[http://mapadaviolencia.org.br/mapa2012\\_crianca.php](http://mapadaviolencia.org.br/mapa2012_crianca.php)>.